



GT 045. Moralidades, afetos e políticas: sobre e das relações de gênero entre indígenas

Patricia Carvalho Rosa (Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá) - Coordenador/a, Elizabeth de Paula Pissolato (Universidade Federal de Juiz de Fora) - Coordenador/a, Diógenes Egidio Cariaga (PPGAS/UFSC) - Debatedor/a, Suzana Cavalheiro de Jesus (Universidade Federal do Pampa) - Debatedor/a, Andréa Carvalho Mendes de Oliveira Castro (Universidade Federal do Paraná) - Debatedor/a

O GT pretende colocar em diálogo pesquisas que reflitam sobre os modos indígenas de elaboração e significação de suas noções de identidades de gênero e sexuais diante de suas existências híbridas quando observamos as escalas de mobilidades/trânsitos de referentes morais e éticos que passam a circular e constituir seus cotidianos. Estes referentes plurais têm conectado diferentes pontos de vista entre os coletivos ameríndios; nos modos como as narrativas sobre pessoa, corpo, parentesco não estão distantes de relações que envolvem distintos regimes de alteridade e relações de poder. Sob tais condições sempre plásticas e conjunturais de produzir gradientes relacionais, etnografias recentes conduzem nossos olhares às considerações dos fatores que contribuem para a heterogeneidade de experiências indígenas relativas às problemáticas de gênero que atravessam as estruturas simbólicas e práticas coletivas. Entre estes processos a afiliação religiosa, idade, escolarização, relações com o sistema de saúde, mobilidades e migração, gestão dos territórios, são fatores transversais que intersectam elementos culturais, históricos e políticos que cominam nas cosmopolíticas efeitos conceituais, de tradução, manejo das diferenças e experimentações de vivências diferenciadas. Esperamos reunir pesquisas que reflitam sobre os (re)posicionamentos dos entendimentos indígenas sobre os domínios, relações e agenciamentos masculinos e femininos e como estes vem vivenciando e significando estes processos.

A Agonia do Parentesco: Feitiçaria e Fuga entre os Karitiana

Autoria: Andréa Carvalho Mendes de Oliveira Castro

Os Karitiana são um povo de língua Tupi-Arikém, os únicos falantes, que habita a atual região de Rondônia. Somando cerca de 400 indivíduos, o grupo se encontra, hoje, dividido em cinco aldeias. Atualmente, os casamentos prescritivos e arranjados com a ZD e FZD caminham pari passu com sentimentos e aspirações pessoais de casar com quem se gosta e driblar o que chamam de casar aforçada. Cabe notar que utilizo a flexão de gênero aqui, pois apesar de o casamento arranjado afetar homens e mulheres de maneiras diferentes, o que pretendo explorar neste work é o quinhão que recai sobre as mulheres. Já visando o acordo matrimonial, num grupo no qual a virgindade assume valor absoluto, os namoros são fortemente proibidos. Contudo, eles existem secretamente. No mais das vezes, quando uma moça ou rapaz é prometido, eles já estão apaixonados e/ou envolvidos com alguém. Situação inelutável, resta apenas o sofrimento. A resistência da moça a casar com o prometido é entendida como normal, pois, de acordo com eles, ela acabará se acostumando ao noivo/marido. Por sua vez, a recusa é entendida como disruptiva da sociabilidade e inaceitável; ela terá de casar. Não fazê-lo causará imensa vergonha à sua família por não cumprir o acordo estabelecido por seu pai. Muitas vezes, a moça enfrenta os mal-dizeres, acusações e indisposições das parentas do novo marido, principalmente da sogra, a seu respeito e de sua família. Tais circunstâncias agravam o quadro de insatisfação feminina e aprofundam a tristeza já sentida por casar com quem não se



quer. Nos casos em que o marido adoece ou morre, inevitavelmente virão as acusações de envenenamento pela esposa e suspeitas de feitiçaria, seja por ela ou por seu amado oculto. Para desespero e enfurecimento geral, recentemente, as mulheres mais novas têm adotado como estratégia, a fuga pós-marital. Pelo fato de que muitas das atuais uniões maritais entre pessoas mais jovens estejam infundidas pelos fatores acima expostos, a possibilidade de fuga se tornou uma ameaça generalizada que pende sobre a comunidade. Esse tipo de agência, a fuga, tem sido lida pelos adultos como "crime grande", pois que coloca o grupo sob o risco de "acabar". Absolutamente indignados com esse comportamento e na tentativa de coibi-lo, em 2016 fui chamada para auxiliá-los na formulação das "leis dos Karitiana?". Responsabilizando o convívio com os brancos, o "Estatuto da Criança e do Adolescente" e a possibilidade de acesso ao sistema jurídico nacional, os Karitiana tentam, desesperadamente, recuperar o controle sobre o feminino e com isso combater o que percebem como risco à sua existência.



Realização:



Apoio:



Organização:

